



J. K. ROWLING

# O ICKABOG



Ilustrado pelos vencedores do  
concurso de ilustrações *O Ickabog*

TRADUÇÃO DE RYTA VINAGRE

**ROCCO**

# Prefácio

Tive a ideia de *O Ickabog* muito tempo atrás. A palavra “Ickabog” deriva de “Ichabog”, que significa “sem glória” ou “a glória partiu”. Creio que você entenderá por que escolhi o nome depois de ter lido a história, que trata de temas que sempre me interessaram. O que os monstros que conjuramos dizem a respeito de nós mesmos? O que deve acontecer para que o mal se apodere de uma pessoa, ou de um país, e o que é necessário para derrotá-lo? Por que as pessoas preferem acreditar em mentiras, mesmo com poucas provas ou na ausência completa delas?

*O Ickabog* foi escrito aos trancos e barrancos entre os livros Harry Potter. A história nunca passou por nenhuma alteração séria. Sempre começou com a morte da pobre sra. De Pombal e sempre terminou... Bom, não vou contar agora, pode ser que você esteja chegando à história pela primeira vez!

Li a história em voz alta para minhas duas filhas mais novas quando elas eram muito pequenas, mas nunca a terminei, para grande frustração de Mackenzie, porque esta era sua história preferida. Depois que concluí os livros Harry Potter, fiz um intervalo de cinco anos e, quando decidi não publicar outro livro infantil na época, *O Ickabog* foi para o sótão, ainda inacabado. Ali ele ficou por mais de uma década, e provavelmente ainda estaria lá se a pandemia de Covid-19 não tivesse acontecido e milhões de crianças não ficassem presas em casa, incapazes de ir à escola ou de encontrar os amigos.

Foi quando tive a ideia de colocar a história gratuitamente na internet e pedir às crianças que a ilustrassem.

Desceu do sótão a caixa muito empoeirada de folhas de papel digitadas e manuscritas, e parti para o trabalho. Minhas filhas agora adolescentes, que foram o primeiríssimo público de *O Ickabog*, sentaram-se e ouviram um capítulo por noite depois de eu quase ter terminado. De vez em quando, perguntavam por que eu tinha cortado algo de que elas gostaram e, naturalmente, refiz tudo de que sentiam falta, assombrada com o fato de elas se lembrarem.

Além de minha família muito solidária, quero agradecer àqueles que me ajudaram a colocar *O Ickabog* on-line em um espaço de tempo tão curto: meus editores Arthur Levine e Ruth Alltimes, James McKnight, da Blair Partnership, minha equipe gerencial Rebecca Salt, Nicky Stonehill e Mark Hutchinson e meu agente, Neil Blair. Foi de fato uma tarefa hercúlea para todos os envolvidos, e eu não poderia ficar mais agradecida. Também quero agradecer a cada criança (e o ocasional adulto!) que enviou imagens para o concurso de ilustrações. Examinar as obras de arte foi uma alegria, e sei que não sou a única a ficar admirada com o talento exibido. Quero acreditar que *O Ickabog* proporcionou a primeira exposição pública de alguns futuros artistas e ilustradores.

Voltar à terra da Cornucópia e terminar o que comecei tanto tempo atrás foi uma das experiências mais recompensadoras de minha vida de escritora. Só o que me resta dizer é que espero que você desfrute da leitura da história tanto quanto eu gostei de escrevê-la!

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'JKR', with a large, stylized flourish extending from the end.

J.K. Rowling  
Julho de 2020

# Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

- Capítulo 1*    Rei Fred, o Intrépido
- Capítulo 2*    O Ickabog
- Capítulo 3*    A morte de uma costureira
- Capítulo 4*    A casa silenciosa
- Capítulo 5*    Daisy De Pombal
- Capítulo 6*    A briga no pátio
- Capítulo 7*    Lorde Cuspêncio conta uma história
- Capítulo 8*    O Dia da Petição
- Capítulo 9*    A história do pastor de ovelhas
- Capítulo 10*    A cruzada do rei Fred
- Capítulo 11*    A jornada para o norte
- Capítulo 12*    A espada perdida do rei
- Capítulo 13*    O acidente
- Capítulo 14*    O plano de Lorde Cuspêncio

- Capítulo 15* O rei retorna
- Capítulo 16* Bert diz adeus
- Capítulo 17* Bueno toma uma atitude
- Capítulo 18* O fim de um conselheiro
- Capítulo 19* Lady Eslanda
- Capítulo 20* Medalhas para Brilhante e Botões
- Capítulo 21* O professor Fraudevindo
- Capítulo 22* A casa sem bandeira nenhuma
- Capítulo 23* O julgamento
- Capítulo 24* O bandalore
- Capítulo 25* O problema de Lorde Cuspêncio
- Capítulo 26* Uma tarefa para o sr. De Pombal
- Capítulo 27* Sequestrada
- Capítulo 28* Mãe Ranzinza
- Capítulo 29* As preocupações da sra. Brilhante
- Capítulo 30* O pé
- Capítulo 31* O sumiço de um açougueiro
- Capítulo 32* Um defeito no plano
- Capítulo 33* O rei Fred fica preocupado

- Capítulo 34* Mais três pés
- Capítulo 35* A proposta de Lorde Cuspêncio
- Capítulo 36* Fome em Cornucópia
- Capítulo 37* Daisy e a lua
- Capítulo 38* A visita de Lorde Cuspêncio
- Capítulo 39* Bert e a Brigada de Defesa Contra o Ickabog
- Capítulo 40* Bert encontra uma pista
- Capítulo 41* O plano da sra. Brilhante
- Capítulo 42* Atrás da cortina
- Capítulo 43* Bert e o guarda
- Capítulo 44* A sra. Brilhante revida
- Capítulo 45* Bert em Jeroboão
- Capítulo 46* A história de Rodrigo Barata
- Capítulo 47* Nas masmorras
- Capítulo 48* Bert e Daisy se encontram
- Capítulo 49* A fuga do orfanato de Mãe Ranzinza
- Capítulo 50* Uma jornada no inverno
- Capítulo 51* Dentro da caverna
- Capítulo 52* Cogumelos

- Capítulo 53* O monstro misterioso
- Capítulo 54* A canção do Ickabog
- Capítulo 55* Cuspêncio ofende o rei
- Capítulo 56* A trama nas masmorras
- Capítulo 57* O plano de Daisy
- Capítulo 58* Henriqueta Horta
- Capítulo 59* De volta a Jeroboão
- Capítulo 60* Rebelião
- Capítulo 61* Palermo dispara outra vez
- Capítulo 62* O Desnascimento
- Capítulo 63* O último plano de Lorde Cuspêncio
- Capítulo 64* Cornucópia outra vez





## CAPÍTULO 1

# Rei Fred, o Intrépido

Era uma vez um país pequenininho chamado Cornucópia, que há séculos era governado por uma longa linhagem de reis louros. O nome do rei da época em que escrevo esta história era Fred, o Intrépido. A parte do “Intrépido” foi ele mesmo que anunciou, na manhã da coroação, em parte porque parecia combinar com “Fred”, mas também porque uma vez ele conseguiu pegar e matar uma vespa sozinho, se a gente descontar os cinco lacaios e o engraxate.

O rei Fred, o Intrépido, chegou ao trono em uma onda enorme de popularidade. Tinha lindos cachos amarelos, um bigode grande e elegante e ficava magnífico nos calções apertados, no gibão de veludo e na camisa de babados que os ricos usavam naquela época. Diziam que Fred era generoso, sorria e acenava sempre que alguém o avistava, e estava muitíssimo lindo nos retratos distribuídos por todo o reino para serem pendurados na parede das prefeituras. O povo da Cornucópia estava muito feliz com o novo rei, e muitos achavam que ele acabaria sendo um regente ainda melhor do que o pai dele, Ricardo, o Correto, cujos dentes eram bem tortos (mas ninguém gostava de falar nisso na época).

No fundo, o rei Fred ficou aliviado quando descobriu como era fácil governar a Cornucópia. Para falar a verdade, parecia que o país se governava sozinho. Quase todo mundo tinha muita comida, os mercadores ganhavam rios de moedas de ouro e os conselheiros de Fred cuidavam de qualquer probleminha que aparecesse. O que sobrava para Fred fazer era sorrir para os súditos sempre que saía em sua carruagem para caçar, cinco vezes por semana, com os dois melhores amigos, Lorde Cuspêncio e Lorde Palermo.

Cuspêncio e Palermo tinham suas grandes propriedades de terra no país, mas achavam muito mais barato morar no palácio com o rei, comer a comida dele, caçar os cervos dele e garantir que não se apaixonasse por nenhuma das belas damas da corte. Eles não queriam que Fred se casasse, já que uma rainha poderia acabar com toda a diversão dos dois. Durante um tempo, o rei pareceu interessado em Lady Eslanda, de pele tão escura e bela quanto Fred era louro e elegante, mas Cuspêncio convenceu o rei de que ela era muito séria e inteligente demais para que os súditos a amassem como rainha. Fred não imaginava que Lorde Cuspêncio tinha um ressentimento contra Lady Eslanda. Certa vez ele a pediu em casamento e ela não havia aceitado.

Lorde Cuspêncio era um homem muito magro, astuto e esperto. Seu amigo Palermo tinha a cara vermelha e era tão tremendamente gordo que precisava de seis homens para colocá-lo montado em seu imenso cavalo alazão. Palermo não era tão esperto quanto Cuspêncio, mas ainda assim era mais afiado do que o rei.

Ambos os lordes eram especialistas em bajulação, e fingiam espantar-se com o quão bom Fred era em tudo que fazia, desde cavalgar até as disputas nos jogos de tabuleiro. Cuspêncio tinha um talento especial para persuadir o rei a fazer coisas de que ele próprio, o conselheiro, gostava, enquanto Palermo tinha o dom de convencer o

rei de que não havia ninguém na face da Terra mais leal do que seus dois melhores amigos.

Fred considerava Cuspêncio e Palermo uns sujeitos muito agradáveis. Eles o incentivavam a dar festas elegantes, piqueniques sofisticados e banquetes suntuosos. Nunca ninguém viu, nem antes nem depois, banquetes como os que foram dados nas terras da Cornucópia nos primeiros dias do reinado de Fred, o Intrépido, pois a Cornucópia era um país famoso, muito além de suas fronteiras, pela comida. Cada uma das cidades da Cornucópia era conhecida por uma comida diferente, e cada uma delas era a melhor do mundo.

A capital de Cornucópia, Profiterólia, ficava no sul do país, e era cercada por hectares de pomares, campos de trigo dourado e reluzente e uma relva esmeralda em que pastavam vacas leiteiras totalmente brancas. O leite, a farinha e as frutas produzidas pelos fazendeiros dali eram entregues depois aos excepcionais padeiros de Profiterólia, que então faziam bolos, tortas e doces.

Pense, por favor, no bolo ou no biscoito mais delicioso que você já provou. Olha, vou te contar que eles teriam vergonha de servir isso em Profiterólia. Se os olhos de um homem não se enchessem de lágrimas de prazer ao dar uma dentada em uma torta da região, ela era então condenada ao fracasso e nunca mais era feita. Nas vitrines da padaria de Profiterólia, havia pilhas altas de iguarias como Sonhos das Donzelas, Berços das Fadas e as mais famosas de todas, as Esperanças do Paraíso, tão extraordinária e terrivelmente deliciosas que eram poupadas para ocasiões especiais, e todos choravam de alegria ao comê-las. O rei Porfírio, da vizinha Pluritânia, chegou até a mandar uma carta ao rei Fred, oferecendo a mão de uma de suas filhas em casamento em troca de um fornecimento vitalício de Esperanças do Paraíso, mas Cuspêncio aconselhou que Fred risse na cara do embaixador da Pluritânia.

Ao norte de Profiterólia havia mais campos verdejantes e rios cristalinos e cintilantes, onde vacas pretas como breu e felizes porcos cor-de-rosa eram criados. Estes, por sua vez, serviam às cidades gêmeas de Curdesburgo e Baronópolis, separadas entre si por uma ponte de pedra em arco que cruzava o principal rio da Cornucópia, o Flume, onde barcaças de cores vivas levavam mercadorias de uma extremidade à outra do reino.

Curdesburgo era famosa pelos queijos: rodelas brancas enormes, densas bolas de canhão cor de laranja, grandes barris de queijos farelentos de veios azulados e queijos cremosos miudinhos, mais macios que veludo.

Baronópolis era célebre pelos presuntos defumados e pelo pernil assado no mel, as fatias de bacon, as linguças picantes, os filés que derretiam na boca e as tortas de carne de cervo.

Os vapores saborosos que subiam pelas chaminés dos fogões de tijolinhos vermelhos de Baronópolis misturavam-se com o aroma perfumado que vagava das portas dos queijeiros de Curdesburgo, e era impossível não salivar ao respirar aquele ar delicioso por uns 60 quilômetros a toda volta.

A algumas horas ao norte de Curdesburgo e Baronópolis você chegava a hectares de vinhedos que sustentavam uvas do tamanho de ovos, cada uma delas madura, doce e succulenta. Siga viagem pelo restante do dia e você chegará à cidade granítica de Jeroboão, famosa pelos vinhos. Sobre o ar de Jeroboão, diziam ser possível ficar tonto só de andar pelas ruas. As melhores safras trocavam de mãos por milhares e milhares de moedas de ouro, e os mercadores de vinho daquela região estavam entre os homens mais ricos do reino.

Porém, um pouco ao norte de Jeroboão, acontecia uma coisa estranha. Era como se a terra rica da Cornucópia, como que por mágica, tivesse se esgotado de tanto produzir a melhor relva, as

melhores frutas e o melhor trigo do mundo. Na pontinha do norte ficava um lugar conhecido como Terra dos Brejos, e só o que crescia naquele lugar pantanoso eram uns cogumelos insossos e borrachudos, além de um matinho ralo e seco que servia apenas para alimentar umas poucas ovelhas sarnentas.

Os habitantes da Terra dos Brejos que criavam ovelhas não tinham a aparência elegante, harmoniosa e bem-vestida dos cidadãos de Jeroboão, Curdesburgo, Baronópolis ou Profiterólia. Eles eram esqueléticos e maltrapilhos. Suas ovelhas desnutridas nunca obtinham preços muito bons, nem na Cornucópia, nem no exterior, e assim pouquíssimos habitantes dali puderam um dia provar os prazeres do vinho, dos queijos, da carne ou dos doces da Cornucópia. O prato mais comum na Terra dos Brejos era um caldo de carneiro gorduroso, feito com os animais velhos demais para serem vendidos.

O restante da Cornucópia achava os brejeiros uma gente esquisita, carrancuda, suja e mal-humorada. Eles tinham uma voz áspera, que os outros cornucopianos imitavam como se fossem ovelhas velhas e roucas. Faziam piada de suas maneiras e de sua simplicidade. Para o restante da Cornucópia, a única coisa memorável que já havia saído da Terra dos Brejos era a lenda do Ickabog.





*“Diziam que o Ickabog tinha poderes extraordinários. Podia imitar a voz humana para seduzir os viajantes e pegá-los com suas garras.”*

---

*Por Mariana, 8 anos, Manaus, AM*



## CAPÍTULO 2

# O Ickabog

A lenda do Ickabog tem sido transmitida por gerações de brejeiros e espalhada de boca a boca até chegar a Profiterólia. Hoje em dia, todo mundo conhece a história. Naturalmente, ela mudava um pouco dependendo de quem a contava, como acontece com todas as lendas. Apesar disso, todas as histórias concordavam que um monstro vivia bem na pontinha mais ao norte do país, em um largo pedaço de pântano escuro e normalmente nevoento, perigoso demais para um ser humano entrar. Diziam que o monstro comia crianças e ovelhas. Às vezes, ele até pegava homens e mulheres adultos que vagavam perto demais do pântano à noite.

Os hábitos e a aparência do Ickabog mudavam, dependendo de quem o descrevia. Alguns diziam que era parecido com uma cobra, outros com um dragão ou com um lobo. Alguns diziam que ele rugia, outros diziam que soltava silvos e uns diziam ainda que ele flutuava, silencioso como a neblina que se espalhava de repente sobre o pântano.

Diziam que o Ickabog tinha poderes extraordinários. Podia imitar a voz humana para seduzir os viajantes e pegá-los com suas garras. Se

você tentasse matar o Ickabog, ele se curava num passe de mágica, ou se dividia em dois Ickabogs; ele sabia voar, cuspir fogo, disparar veneno – os poderes do Ickabog eram tão grandes quanto a imaginação do contador da história.

“Trate de não sair do jardim enquanto eu estiver trabalhando”, diziam os pais de todo o reino aos filhos, “ou o Ickabog vai te pegar e te comer todinho!” E por todo o território, meninos e meninas brincavam de combater o Ickabog, tentavam assustar uns aos outros com a fábula do Ickabog, e, se a história se tornasse convincente demais, tinham até pesadelos com o Ickabog.

Bert Brilhante era um desses garotinhos. Quando a família convidou os De Pombal para jantar certa noite, o sr. De Pombal divertiu a todos com o que ele alegava ser a última notícia sobre o Ickabog. Naquela noite, chorando e apavorado, Bert, de apenas cinco anos, acordou de um sonho em que os imensos olhos brancos da criatura brilhavam para ele através de um pântano nevoento no qual o menino afundava devagarinho.

– Pronto, acabou – sussurrou sua mãe, que entrou pé ante pé em seu quarto com uma vela na mão, e agora embalava o filho no colo, balançando-o de um lado para outro. – Não existe nenhum Ickabog, Bert. É só uma história boba.

– Ma-mas o sr. De Pombal disse que as ovelhas su-sumiram! – Bert falou entre soluços.

– E sumiram mesmo – confirmou a sra. Brilhante –, mas não porque foram apanhadas por um monstro. As ovelhas são criaturas estúpidas. Elas se afastaram e se perderam no brejo.

– Ma-mas o sr. De Pombal disse que sumiu ge-ente também!

– Só as pessoas que são bobas a ponto de entrarem no pântano à noite – disse a sra. Brilhante. – Agora sossegue, Bert, não existe monstro nenhum.



– Mas o sr. De Pombal falou que as pe-pessoas ouviram vozes do lado de fora da janela e de ma-manhã as galinhas delas tinham sumido!

A sra. Brilhante não conseguiu segurar o riso.

– As vozes que elas ouviram eram de ladrões comuns, Bertinho. Lá na Terra dos Brejos, eles roubam dos outros o tempo todo. É mais fácil colocar a culpa no Ickabog do que admitir que os vizinhos estão roubando deles!

– Roubando? – Bert falou ofegante, sentado no colo da mãe e olhando sério em seus olhos. – Roubar é muito feio, não é, mamãe?

– É muito feio mesmo – disse a sra. Brilhante, levantando Bert, colocando-o carinhosamente em sua cama quente e o cobrindo. – Mas a sorte é que não moramos perto daqueles brejeiros fora da lei.

Ela pegou a vela e foi na ponta dos pés para a porta do quarto.

– Boa noitinha – sussurrou da porta. Normalmente teria acrescentado “não deixe o Ickabog te morder”, porque era assim que os pais na Cornucópia falavam com os filhos na hora de dormir, mas em vez disso ela falou “durma bem”.

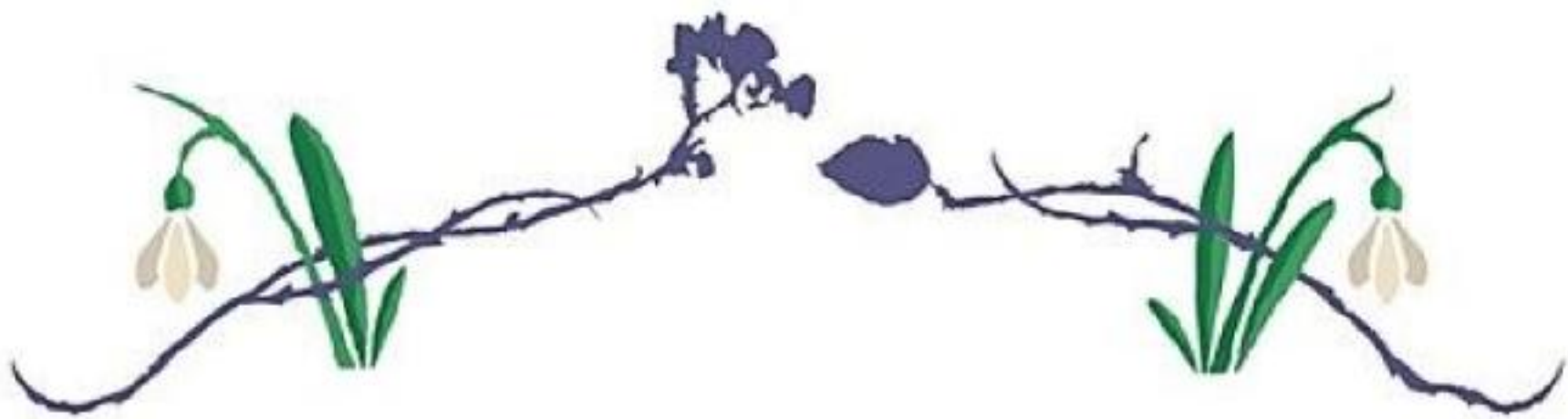
Bert adormeceu de novo e não viu mais nenhum monstro em seus sonhos.

O sr. De Pombal e a sra. Brilhante eram grandes amigos. Estudaram na mesma turma na escola, e se conheciam a vida toda. Quando soube que tinha provocado pesadelos em Bert, o sr. De Pombal sentiu-se culpado. Por acaso, ele era o melhor carpinteiro de Profiterólia, então entalhou um Ickabog para o garotinho. Tinha a boca larga e sorridente, cheia de dentes, e pés grandes com garras, e num instante virou o brinquedo preferido de Bert.

Se Bert, ou seus pais, ou a família vizinha De Pombal, ou qualquer outra pessoa em todo o reino fossem informados de que coisas terríveis estavam prestes a abalar a Cornucópia, tudo por conta do

mito do Ickabog, eles teriam rido. Viviam no reino mais feliz do mundo. Que mal o Ickabog poderia causar?





## CAPÍTULO 3

# A morte de uma costureira

As famílias Brilhante e De Pombal moravam em um lugar chamado Cidade-Dentro-da-Cidade. Era a parte de Profiterólia onde ficavam as casas de todas as pessoas que trabalhavam para o rei Fred. Jardineiros, cozinheiros, alfaiates, pajens, costureiras, pedreiros, cavaleiros, carpinteiros, lacaios e criadas: todos ocupavam chalezinhos bem arrumados em volta dos terrenos do palácio.

A Cidade-Dentro-da-Cidade era separada do restante de Profiterólia por um muro alto e branco, e os portões desse muro ficavam abertos durante o dia, para que os moradores pudessem visitar amigos e familiares em outras partes de Profiterólia e fazer compras nos mercados. À noite, os portões sólidos eram fechados, e todos na Cidade-Dentro-da-Cidade dormiam, assim como o rei, sob a proteção da Guarda Real.

O major Brilhante, pai de Bert, era o chefe da Guarda Real. Um homem bonito e animado que montava em um cavalo cinza-chumbo, ele acompanhava o rei Fred, Lorde Cuspêncio e Lorde Palermo nas excursões de caça, que costumavam acontecer cinco vezes por semana. O rei gostava do major Brilhante e também gostava da mãe

de Bert, porque Berta Brilhante era a confeitadeira particular do rei, uma alta honraria naquela cidade de padeiros de primeira classe. Como Berta tinha o hábito de levar para casa os bolos maravilhosos que não saíam totalmente perfeitos, Bert era um garotinho gorducho e às vezes, lamento dizer isso, as outras crianças o chamavam de “Bola de Banha” e o faziam chorar.

A melhor amiga de Bert era Daisy De Pombal. As duas crianças nasceram com dias de diferença e se comportavam mais como irmãos do que como amigos de infância. Era Daisy que defendia Bert dos valentões. Ela era magrela, porém rápida, e tinha toda a disposição do mundo para brigar com qualquer um que chamasse Bert de “Bola de Banha”.

O pai de Daisy, Daniel De Pombal, trabalhava para o rei consertando e substituindo as rodas e os eixos de suas carruagens. Como tinha muita habilidade na carpintaria, ele também fazia móveis para o palácio.

A mãe de Daisy, Dora De Pombal, era a costureira-chefe do palácio, outro emprego de honra, porque o rei Fred gostava de roupas e mantinha ocupada toda uma equipe de alfaiates fazendo novos trajes para ele todo mês.

Foi o grande amor do rei pela elegância que o levou a um horrível incidente, que mais tarde os livros de história da Cornucópia registrariam como o início de todos os problemas que envolveram este pequeno reino feliz. Porém, na época em que aconteceu, apenas algumas pessoas da Cidade-Dentro-da-Cidade sabiam de alguma coisa, mesmo que para alguns tenha sido uma tragédia medonha.

Aconteceu assim:

O rei da Pluritânia iria fazer uma visita formal a Fred (ainda na esperança, quem sabe, de oferecer uma de suas filhas em troca do fornecimento vitalício de Esperanças do Paraíso), e Fred decidiu que